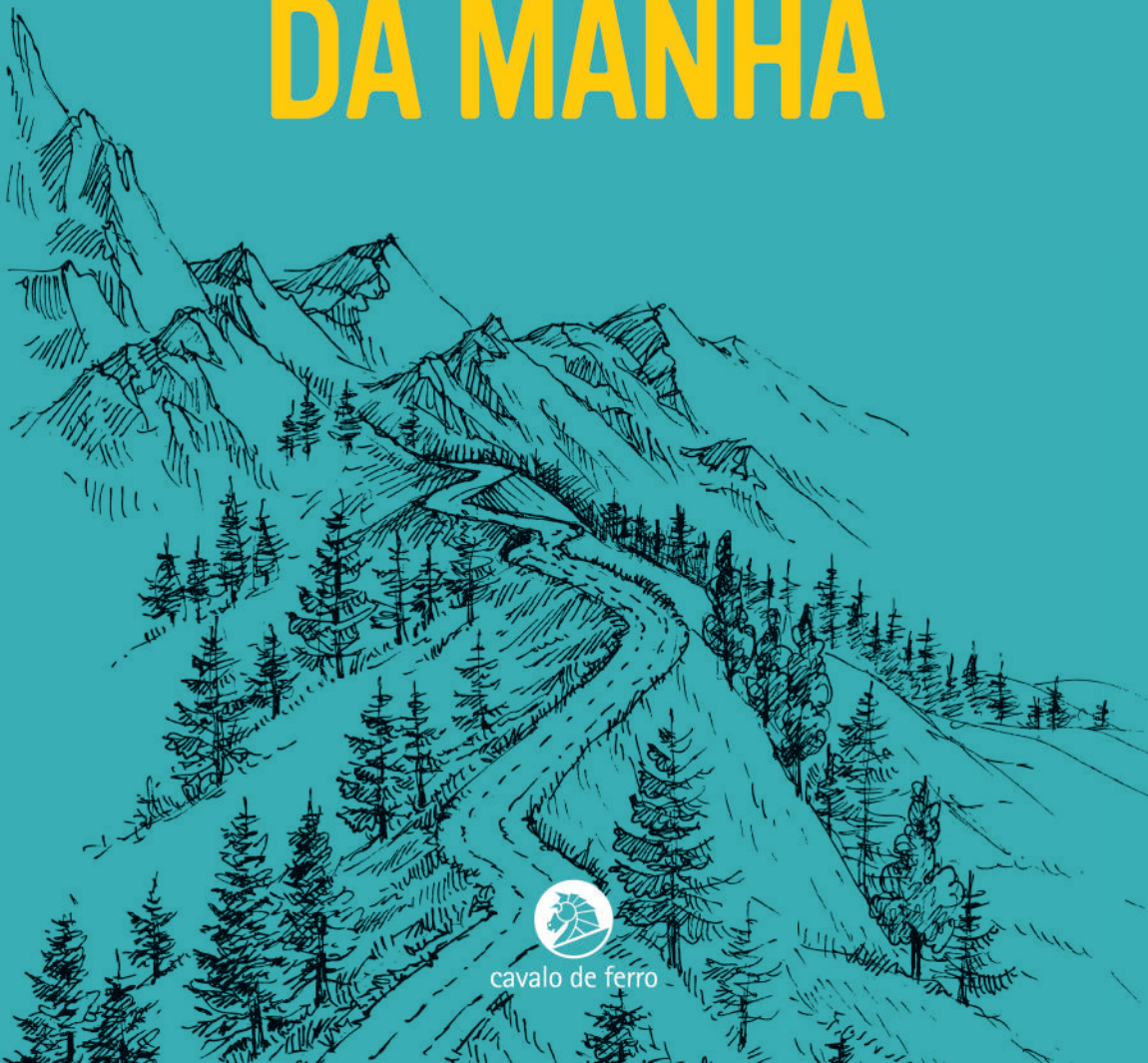


HERMANN HESSE
Prémio Nobel de Literatura

**VIAGEM AO PAÍS
DA MANHÃ**



cavalo de ferro

Como me foi destinado assistir a algo de grandioso, como tive a sorte de pertencer à Ordem e de poder ser um dos participantes daquela viagem singular — cujo milagre brilhou, então, subitamente, como um meteoro, e que depois, por mistério, tão rapidamente caiu em esquecimento, ou mesmo em má fama —, decidi ousar tentar uma breve descrição dessa inaudita viagem: uma viagem como não voltara a ser ousada por Homens desde os dias de João Sem Medo e de Orlando Furioso até ao nosso estranho tempo; o triste, desesperado e contudo tão fecundo tempo depois da Grande Guerra. Creio não me iludir em relação às dificuldades que a minha tentativa coloca; são muito grandes e não apenas de natureza subjectiva, se bem que estas já fossem bastante consideráveis. Pois, hoje, não só já não possuo qualquer objecto, lembrança, documento ou diário que me recorde o tempo da viagem, como nos difíceis anos de desventura, doença e de profundo tormento que desde então decorreram também perdi uma grande parte das recordações. Em consequência de infortúnios e sempre novos desalentos, tanto a minha própria memória como a minha confiança nela, outrora tão fiel, se tornaram vergonhosamente fracas. Mas, não tomando em consideração estas aflições puramente pessoais, também tenho, em parte, as mãos atadas pelo meu antigo Voto

à Ordem; porque esse Voto me permite, com efeito, a comunicação das minhas experiências pessoais, proibindo, no entanto, qualquer revelação sobre o próprio segredo da Ordem. E mesmo que a Ordem já há muito não pareça ter nenhuma existência visível e eu não tenha voltado a ver nenhum dos seus membros, nenhuma tentação e nenhuma ameaça do mundo me poderia levar a quebrar o Voto. Pelo contrário: se hoje ou amanhã fosse levado perante um tribunal de guerra e posto perante a opção de me deixar matar ou de revelar o segredo da Ordem, oh, com que ardente alegria selaria o meu Voto através da morte!

Anote-se aqui de passagem: desde o diário de viagem do conde Keyserling foram publicados por várias vezes livros cujos autores causaram, em parte inconscientemente, em parte, porém, intencionalmente, a impressão de que seriam aliados da Ordem e de que teriam participado na Viagem ao País da Manhã. Até os aventureiros relatos de viagem de Ossendowski caíram sob essa honrada suspeita. Todavia, nenhum deles tinha alguma coisa que ver com a Ordem e com a nossa Viagem ao País da Manhã ou, na melhor das hipóteses, não mais do que os pregadores de pequenas seitas pietistas têm que ver com Jesus Cristo, com os Apóstolos e com o Espírito Santo, a cuja graça especial e associação recorrem. Mesmo que o conde Keyserling tenha realmente circum-navegado o mundo e mesmo que Ossendowski tenha atravessado os países por ele descritos, as suas viagens não foram milagres e não descobriram novos territórios, ao passo que certas etapas da nossa Viagem ao País da Manhã, ao prescindir de todos os banais meios auxiliares das modernas viagens em massa, de comboios, navios a vapor, telégrafo, automóvel, avião, etc., penetraram realmente no Heróico e no Mágico. Na época que se seguiu à Guerra Mundial, era, pois, próprio um estado extraordinário de irrealidade, de disposição

para o sobrenatural, nomeadamente no pensamento dos povos derrotados, mesmo que só em muito poucos momentos se tenham realmente quebrado fronteiras e avançado para o Império de uma futura psicocracia. A nossa travessia do Mar Lunar até Famagusta, outrora sob a orientação de Alberto Magno, ou, por exemplo, a descoberta da Ilha das Borboletas, doze graus atrás de Zipangu, ou a sublime festa da Ordem junto do túmulo de Rüdiger, constituíram vivências e feitos permitidos apenas essa vez a pessoas do nosso tempo e da nossa origem.

Logo aqui creio encontrar um dos maiores obstáculos ao meu relato. O plano, no qual os nossos feitos aconteciam, e a esfera de vivência da alma à qual pertencem seriam relativamente fáceis de tornar acessíveis ao leitor se fosse possível levá-lo ao interior do segredo da Ordem. Assim, porém, tudo lhe parecerá provavelmente inacreditável e inconcebível. Mas o desafio do paradoxo deve ser sempre de novo tentado e o que é impossível em si realizado novamente. Eu vou por Siddhartha, o nosso amigo sábio do Oriente, que disse uma vez:

– As palavras não convêm ao sentido secreto; tudo fica sempre logo um pouco alterado, um pouco falsificado, um pouco néscio. Sim, e também isso está bem, também com isso concordo; pois o que para um Homem é o seu tesouro e a sua sabedoria soa para o outro sempre como uma tolice.

De igual modo, já há séculos os membros e historiadores da nossa Ordem reconheceram esta dificuldade, enfrentando-a com valentia, e um deles, um dos maiores, pronunciou-se assim, em versos imortais:

Quem longe viajar vai muitas coisas avistar,
Muito distantes daquilo que considerava verdade.
Quando depois, nos prados da sua terra, o contar,
Então, como mentiroso é, amiúde, tratado.

Porque o povo obstinado não quer confiar,
 Quando não vê e não sente nitidamente o narrado.
 A inexperiência, diz-mo a imaginação,
 Pouco crédito dará à minha canção.

Esta «inexperiência»¹ conseguiu, pois, fazer não só com que a nossa viagem, que outrora levou milhares até ao êxtase, esteja hoje publicamente esquecida, mas também com que a sua memória esteja coberta por um verdadeiro tabu. Porém, como se sabe, a História é pródiga em exemplos semelhantes a este. Toda a História Universal não me parece ser mais do que um livro ilustrado que reflecte o mais intenso e cego anseio dos Homens: o anseio do esquecimento. Pois não extingue cada geração, através da proibição, do abafamento, do escárnio, sempre precisamente aquilo que parecia mais importante à geração anterior? Não acabámos mesmo agora de assistir a que uma monstruosa guerra, horrível e longa, fosse esquecida, negada, recalcada e feita desaparecer, como por magia, durante anos, por povos inteiros? E não observamos que esses povos procuram, agora que descansaram um pouco, recordar-se através de excitantes romances de guerra do que há alguns anos eles próprios causaram e sofreram? Do mesmo modo, também para os feitos e sofrimentos da nossa Ordem, que agora estão esquecidos ou são para o mundo motivo de troça, virá o dia da redescoberta, e os meus apontamentos hão-de contribuir um pouco para isso.

Entre as particularidades da Viagem ao País da Manhã, também constava o facto de a Ordem perseguir com esta

¹ Com a expressão «*Unerfahrenheit*», que contém em si «*fahren*» (o caminhar), Hesse alude simultaneamente a «ser inexperiente» e a «não ter ainda caminhado». [N. T.]

caminhada fins bem determinados e muito elevados (estes pertencem à esfera do segredo e não são, portanto, comunicáveis), podendo, no entanto, cada um dos participantes ter o seu próprio objectivo-destino, sim, devendo mesmo tê-lo, porque não se levava ninguém que não fosse motivado por objectivos pessoais. E, cada um de nós, parecendo seguir ideais e fins comuns e lutar sob uma mesma bandeira, levava individualmente no seu coração, como força mais íntima e último consolo, o seu próprio sonho louco da infância. No que diz respeito ao meu objectivo e destino de viagem, sobre o qual tinha sido interrogado pela Cátedra Suprema antes da minha admissão, era de natureza simples, ao passo que alguns outros irmãos se tinham proposto objectivos que eu podia, como é natural, respeitar bastante, mas não entender plenamente. Um, por exemplo, procurava tesouros e não tinha outra coisa em mente senão a conquista de um tesouro sublime, a que chamava «Tao»; já outro tinha mesmo metido na cabeça capturar uma certa serpente, à qual ele conferia poderes mágicos e que chamava Kundalini. Em contrapartida, o meu objectivo de viagem e vida, que já nos anos tardios da adolescência se me apresentara em sonhos, era o seguinte: ver a bela princesa Fatme e, porventura, conquistar o seu amor.

Nessa altura, quando tive a sorte de poder aderir à Ordem, nomeadamente logo depois do fim da Grande Guerra, o nosso país estava cheio de salvadores, de profetas e bandos de discípulos, de pressentimentos do fim do mundo ou de esperanças no começo de um Terceiro Império. Abalado pela guerra, desesperado pela miséria e pela fome, profundamente decepcionado pela aparente inutilidade de todos os sacrifícios de sangue e de bens, o nosso povo estava receptivo a certas quimeras, mas igualmente a verdadeiras elevações da alma. Havia comunidades de dança bacante e grupos de luta anabaptistas. Havia de tudo o que parecesse

apontar para o Além e para o milagre. Também estava muito espalhada nessa altura uma inclinação para o indiano, o antigo pérsico e outros mistérios e cultos orientais. E tudo isso levou a que também a nossa antiquíssima Ordem parecesse à maioria uma das muitas excrescências em voga que florescia apressadamente, e que com elas cairia quer no esquecimento quer em desdém e má fama após alguns anos. Contudo, isso não afecta aqueles de entre os seus discípulos que lhe permaneceram fiéis. Como recorde bem a hora em que, depois do fim do meu ano probatório, me apresentei à Cátedra Suprema, fui iniciado no projecto da Viagem ao País da Manhã e – pondo-me à disposição desse projecto de corpo e alma – fui questionado amavelmente sobre o que pretendia com este percurso ao Reino dos Contos de Fadas! Corando visivelmente, mas franco e sem hesitação, assumi, perante os Superiores que se tinham reunido, o desejo ardente de poder ver com os meus próprios olhos a princesa Fatme. E, ao traduzir os gestos dos velados, o Orador colocou a sua mão sobre a minha fronte, benzeu-me e pronunciou a fórmula que consolidava a minha admissão como irmão da Ordem.

– *Anima pia* – assim se me dirigiu e me exortava à fidelidade na fé, à coragem e valentia no perigo, ao amor fraterno. Tendo sido bem preparado durante o ano probatório, prestei juramento, reneguei o mundo e a sua falsa fé, e foi-me colocado no dedo o anel da Ordem, com as palavras de um dos mais belos capítulos da nossa História da Ordem:

Em água e fogo, em terra e ar,
Os espíritos lhe são submissos;
Os mais bravos monstros assustam e cativam seu olhar,
E, tremendo, tem de aproximar-se dele até o Anticristo...
e assim sucessivamente.

H. H., protagonista desta aventura inaudita, é convidado a integrar uma Ordem secreta e a participar numa viagem única, cujo fim não é alcançar um destino geográfico, mas outra dimensão da realidade. Os participantes nesta viagem atravessam o tempo e o espaço, rumo ao «País da Manhã», encontrando pelo caminho muitas personagens, reais e ficcionais. Contudo, a harmonia inicial quebra-se, degenerando em conflito. O grupo rompe-se e os seus membros separam-se, prosseguindo o caminho por sua conta. Só anos mais tarde H. H. terá consciência do seu próprio papel no falhanço da expedição.

Viagem ao País da Manhã é, a par de *Siddhartha* e de *O Lobo das Estepes*, uma das obras maiores de Hesse, sempre redescoberta por novas gerações de leitores. Escrito como uma fábula e com um desfecho inesperado e surpreendente, este livro encoraja o leitor a desconfiar da realidade visível, propondo-lhe, ao invés, por meio de um nomadismo radical e interior, uma viagem perpétua em busca da autenticidade, da pureza do espírito e da união com o todo universal.

«Um grande escritor... complexo, subtil, simbólico.»

The New York Times Book Review

ISBN 978-989-564-030-0
9 789895 640300



cavalo de ferro